

DA CASA COMPARTILHADA AO ACAMPAMENTO: BAUMAN E O TRABALHO NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Francisco Raphael Cruz Mauricio,
Universidade Federal do Ceará,
Bolsista CNPq
raphaelcruzcs@gmail.com

Resumo

Neste artigo abordo as reflexões de Zygmunt Bauman sobre os sentidos do trabalho nas diferentes etapas da modernidade. Meu ponto de partida é o paradigma da modernidade líquida, proposto pelo autor como chave de leitura da atual fase da modernidade. A narrativa baumaniana sobre o trabalho é composta por dois eixos analíticos. O primeiro, de cariz temporal, diz respeito às noções de *longa duração* e *curta duração* das experiências pessoais de trabalho ligadas respectivamente ao *capitalismo pesado* e ao *capitalismo leve*. O segundo eixo, de cariz espacial, se refere às noções de trabalho como *casa compartilhada* e trabalho como *acampamento*, metáforas do autor para explicar as mudanças na relação do sujeito com seu local de trabalho. A partir desses eixos espaço-temporais, Bauman vai narrar as consequências pessoais do trabalho na transição dos “trinta anos gloriosos” para os “trinta anos perversos” do capitalismo. Entendo a análise do trabalho em Bauman como parte de uma reflexão sobre a modernidade, onde o trabalho é uma das arenas privilegiadas para a uma apreensão sociocultural das mudanças na relação indivíduo e sociedade. Ao final, teço considerações sobre a teoria baumaniana para o estudo do mundo do trabalho.

Palavras-chave: Bauman, trabalho, modernidade.

Introdução¹

Neste artigo abordo as reflexões de Zygmunt Bauman sobre os sentidos do trabalho nas diferentes etapas da modernidade. Meu ponto de partida é o paradigma da modernidade líquida, proposto pelo autor como chave de leitura da atual fase da modernidade. Tenho como referência o livro *Modernidade Líquida* (2001), obra matriz no pensamento de Bauman².

Construo minha análise sobre dois grandes eixos presentes na narrativa baumaniana sobre o trabalho. O primeiro, de cariz temporal, diz respeito às noções de *longa duração* e

¹ Parte das reflexões aqui contidas foram produto do seminário *Capitalismo e incerteza: um diálogo imaginário entre Bauman e Sennett*, apresentado por mim durante a disciplina Teoria sociológica II, ministrada pelas professoras Maria Alba Pinho de Carvalho e Irllys Alencar Firmo Barreira no semestre 2013.2 no Mestrado do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

² Nos deteremos especialmente no capítulo 4, por condensar as reflexões do autor sobre a temática do trabalho.

curta duração ligadas respectivamente ao capitalismo pesado e ao capitalismo leve. O segundo eixo, de cariz espacial, se refere às noções de trabalho como *casa compartilhada* e trabalho como *acampamento*, metáforas usadas pelo autor para entender as mudanças ocorridas na relação dos sujeitos com seus locais de trabalho.

Entendo a análise do trabalho em Bauman como parte de uma reflexão sobre a modernidade, onde o trabalho é uma das arenas privilegiadas para a uma apreensão sociocultural das mudanças na relação indivíduo e sociedade. Ao final, teço considerações sobre a teoria baumaniana para o estudo do mundo do trabalho.

Bauman: uma moderna sociologia da modernidade

O sociólogo polonês que hoje vive na Inglaterra, desenvolveu uma série de temas no decorrer de sua prolífica obra, pautada pelo estilo ensaístico e seu propósito de *traduzir o mundo em textos*³. Pallares-Burke (2004) afirma que devemos compreender a indiferença de Bauman pelas fronteiras disciplinares e sua busca da compreensão da condição humana como parte do repertório da escola humanística na sociologia. A mesma a qual pertencem Peter Berger, Thomas Luckmann e John O'Neill. Para Dennis Smith (2007, p. 18), Bauman é herdeiro de diferentes tradições presentes na teoria social como a antropologia estruturalista francesa, a teoria crítica da Escola de Frankfurt, o marxismo revisto por Gramsci, Lukács e a corrente radical da sociologia americana representada por Wright Mills.

Apesar da variedade de influências e temas abordados pelo autor, devemos buscar a unidade do pensamento de Bauman em sua escolha da *cultura* como a arena que determina a sociedade (SMITH, 2007, p. 23). Outros ainda dirão que o núcleo da sociologia baumaniana está no amplo tema das consequências humanas da modernidade. O que levaria o autor a praticar uma modalidade de “sociologia geral” e não uma “sociologia de especialista” (JACOBSEN; PODER, 2008, p. 03).

Em atividade desde os anos 1960, Bauman realiza nos anos 1980 uma “*virada pós moderna*” (Smith, 2007). Momento em que o autor explora a natureza do *habitat* pós moderno, dimensão onde são gestadas outras modalidades da relação indivíduo e sociedade. Nesse

³ Para uma análise detida da vida e obra de Bauman, consultar BAUMAN, Zygmunt; TESTER, Keith. Conversations with Zygmunt Bauman. Cambridge: Polity Press, 2001. SMITH, Dennis. Zygmunt Bauman: prophet of post modernity. Cambridge: Polity Press, 1999.

contexto, precisamos relativizar a aproximação do sociólogo polonês com o campo dos teóricos da pós-modernidade. Ainda nos anos 1990, Bauman não endossava a concepção da pós-modernidade como o *fim* da modernidade, mas como uma *ideia chave* para entender as mudanças massivas das três últimas décadas do século XX⁴ (SMITH, 1999).

Em 2000, o autor abandona o uso do termo “pós-moderno” com a publicação de *Modernidade líquida* e inaugura uma nova gramática de análise a partir da metáfora da *liquidez*. Assim, para Bauman (2001) a modernidade líquida não significa o fim da modernidade, mas sua atual fase. A metáfora da liquidez como chave de interpretação da modernidade será o guarda-chuva analítico do autor que englobará suas reflexões sobre os mais diversos temas como o amor, a vida, o medo e o tempo⁵.

Do longo ao curto prazo: a modernidade segundo Bauman

Antes de tudo, precisamos destacar que o chão histórico e social das reflexões de Bauman sobre o *moderno* são as sociedades da Europa Central e dos Estados Unidos da América. A arquitetura conceitual do autor está enraizada na análise da dinâmica social dos países capitalistas do centro com democracias liberais. O que pode se desdobrar em tensões históricas e analíticas em relação à aplicação de seu *framework* teórico a contextos pós-coloniais de sociedades da periferia do capitalismo.

Delimitado o espaço de reflexão do autor, podemos perceber durante a narrativa baumaniana sobre a modernidade uma *oposição* entre o padrão de vida vigorante nas “três décadas gloriosas” (BAUMAN, 2001, p. 23), inaugurado no pós Segunda Guerra Mundial e aliado no complexo fordista-keynesiano e o novo padrão que emerge após a crise do petróleo dos anos 1970, marcado pela contestação do caráter público do Estado de Bem Estar e por uma nova morfologia do trabalho. Esses padrões correspondem respectivamente ao que Bauman vem classificando como *capitalismo pesado* e *capitalismo leve*, cada qual possuindo um horizonte temporal específico.

⁴ Uma contextualização do pensamento de Bauman no contexto das *teorias do moderno* pode ser vista em DELANTY, Gerard. *Social theory in a change world: conceptions of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1999. Uma visão crítica da obra de Bauman encontra-se em JACOBSEN, Michael Hiviid; PODER, Paul. *The sociology of Zygmunt Bauman: challenges and critique*. Hampshire: Ashgate Publishing, 2008.

⁵ Por exemplo: *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

A ideia de *longa duração* está ligada ao capitalismo pesado e foi dissipada pela *curta duração* inerente a dinâmica do capitalismo leve, flexível, típico da modernidade líquida. Para Bauman

(...) A natureza outrora cumulativa e de longo prazo do progresso está cedendo lugar a demandas dirigidas a cada episódio em separado (...). Numa vida guiada pelo preceito da flexibilidade, as estratégias e planos de vida só podem ser de *curto* prazo (BAUMAN, 2001, p. 158).

Isso implicou uma ruptura com a sociabilidade típica do capitalismo pesado onde o jovem aprendiz da Ford terminava sua vida profissional no mesmo local onde a havia iniciado. Pois nesse período:

Quem, como jovem aprendiz, tivesse seu primeiro emprego na Ford, poderia ter certeza de terminar sua vida profissional no mesmo lugar. Os horizontes temporais do capitalismo pesado eram de longo prazo. Para os trabalhadores, os horizontes eram desenhados pela perspectiva de emprego por toda a vida dentro de uma empresa que poderia ou não ser imortal, mas cuja a vida seria, (...), muito mais longa que a deles mesmos (BAUMAN, 2001, p. 168)⁶.

Havia então um “engajamento entre capital e trabalho fortificado pela *mutualidade de sua dependência*” (BAUMAN, 2001, p. 166).

Para resumir: a mentalidade de “*longo prazo*” constituía uma expectativa nascida da experiência, e da repetida corroboração dessa experiência, de que os destinos das pessoas que compram trabalho e das pessoas que o vendem estão inseparavelmente entrelaçados por muito tempo ainda – em termos práticos, para sempre – e que, portanto, a construção de um modo de convivência suportável corresponde tanto aos “interesses de todos” quanto à negociação das regras de convívio de vizinhança entre os proprietários de casas num mesmo loteamento (BAUMAN, 2001, p. 168).

Ao identificar essa *dependência* entre capital e trabalho, Bauman está se referindo ao que Alain Bihr (1998) chamou de *pacto fordista* do pós II Guerra entre os poderosos sindicatos sociais-democratas europeus com as empresas capitalistas do qual derivou o Estado de

⁶ Um pouco antes de Bauman, nos anos 1990, o sociólogo inglês Richard Sennett em seu estudo *A corrosão do caráter* refletiu sobre as consequências pessoais do capitalismo flexível. Sennett havia começado a observar a dimensão *existencial* das formas de precarização do trabalho no *novo capitalismo*. Comparando duas gerações diferentes de trabalhadores norte-americanos de uma mesma família, Sennett (2012, p. 13-33) pode observar as diferenças nas condições de trabalho e de vida em distintas temporalidades históricas do capital.

Bem Estar Social no contexto da Guerra Fria. Para Bauman, esse foi um “longo e tortuoso processo de solidificação” (2001, p. 168).

Contudo, houve um ponto de virada. A partir dos anos 1970, a economia mundial passou por profundas modificações. Harvey (1989), em seu livro *A condição pós moderna*, chegou a chamar essas modificações de *abissais*. Para o autor, uma das características reveladoras do atual momento histórico seria a passagem para um modelo de *acumulação flexível*. Este começou a se gestar nos países centrais do capitalismo no período de crise simultânea do fordismo e do keynesianismo entre 1965 e 1973. Quando esses modelos de gestão produtiva e estatal mostraram sinais de esgotamento. Esses elementos desencadearam uma reestruturação do capitalismo com vistas a garantir medidas de manutenção da taxa de lucro nos países centrais (HARVEY, 1989, p. 135).

A partir dos desdobramentos iniciados nos anos 1970, se abre um período marcado por intensas transformações econômicas e sociais no sistema capitalista e no mundo do trabalho. Alves (2013) afirma que a crise estrutural do capital nos anos 1970 inaugurou uma nova *temporalidade histórica* do desenvolvimento civilizatório, caracterizada por um conjunto de fenômenos sociais qualitativamente novos que compõe uma nova fenomenologia do capitalismo em seus “*trinta anos perversos*” (1980-2010). Assim, o final do século XX e início do XXI são marcados profundamente por formas de acumulação e produção *flexível* e pelo ascenso do *neoliberalismo*.

Nesse contexto, para Bauman

*(...) o ingrediente crucial da mudança múltipla é a nova mentalidade de 'curto prazo', que substitui a de 'longo prazo'. Casamentos 'até que a morte os separe' estão decididamente fora de moda e se tornaram uma raridade: os parceiros não esperam mais viver tanto tempo juntos. De acordo com o último cálculo, um jovem americano com um nível médio de educação espera mudar de emprego 11 vezes durante sua vida de trabalho – e o ritmo e frequência da mudança deverão continuar crescendo antes que a vida de trabalho dessa geração acabe. “Flexibilidade” é o slogan do dia, e quando aplicado ao mercado de trabalho augura um fim do “emprego como o conhecemos”, anunciando em seu lugar o advento do trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas até “nova ordem”. **A vida de trabalho está saturada de incertezas** (BAUMAN, 2001, p. 169) [Destques meus].*

Bauman é o sociólogo desses *trinta anos perversos*. O que ele vem classificando como modernidade líquida corresponde a esta nova fase inaugurada por um novo arranjo político-econômico. Não mais baseado no binômio fordismo-keynesianismo, típico do capitalismo pesado e de seu horizonte temporal de longo prazo, mas em novos alicerces sociais que possuem dificuldades de proporcionar estabilidade e segurança no ambiente de trabalho.

A modernidade sólida era, de fato, também o tempo do capitalismo pesado – do engajamento entre capital e trabalho fortificado pela *mutualidade de sua dependência*. Os trabalhadores dependiam do emprego para sua sobrevivência; o capital dependia de empregá-los para sua reprodução e crescimento. Seu lugar de encontro tinha endereço fixo; nenhum dos dois poderia mudar-se com facilidade para outra parte – os muros da grande fábrica abrigavam e mantinham os parceiros numa prisão compartilhada. Capital e trabalhadores estavam unidos, pode-se dizer, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separasse. A fábrica era seu habitat comum – simultaneamente o campo de batalha para a guerra de trincheiras e a natural para esperanças e sonhos (BAUMAN, 2001, p. 166-167).

O trabalho é então imerso no contexto da flexibilidade estrutural, desorganizando a proteção ao emprego, estimulando os contratos de curto prazo ou sem contrato, instaurando um mundo de *incertezas*. Configuram-se *incertezas de novo tipo* (BAUMAN, 2001, p. 170) que assinalam um novo e líquido mundo do trabalho. Mesmo reconhecendo que a vida de trabalho sempre foi cheia de incertezas, o sociólogo reconhece que

A incerteza do presente é uma poderosa força individualizadora. Ela divide em vez de unir, e como não há maneira de dizer quem acordará no próximo dia em qual divisão, a ideia de “interesse comum” fica cada vez mais nebulosa e perde todo valor prático. (...) Os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão. Não se somam, não se acumulam numa “causa comum”, não têm endereço específico, e muito menos óbvio. Isso priva as posições de solidariedade de seus status antigo de táticas racionais e sugere uma estratégia de vida muito diferente da que levou ao estabelecimento das organizações militantes em defesa da classe trabalhadora (BAUMAN, 2001, p. 170).

Temos o desenvolvimento de um mundo do trabalho permeado pelo horizonte de curto prazo do capitalismo leve típico da modernidade líquida, trazendo para o ambiente de trabalho a insegurança, incerteza e instabilidade, signos desta atual etapa da modernidade. Dessa forma, a relação dos sujeitos com seus locais de trabalho é qualitativamente outra em relação ao período do capitalismo pesado da modernidade sólida. Se antes havia um engajamento entre capital e trabalho reforçado pela mútua dependência, na atualidade ocorre uma fratura desse

engajamento, gestando um ambiente de trabalho tecido de incertezas. Onde o trabalho temporário e os contratos precários alimentam no plano simbólico a *racionalidade de curto prazo*.

Da casa compartilhada ao acampamento: o trabalho na modernidade líquida

De forma sintética, na passagem dos *trinta anos gloriosos* para os *trinta anos perversos* o capitalismo pesado e as noções de longo prazo que o acompanhavam foram substituídas pela dinâmica do curto prazo do capitalismo leve, experimentando-se assim a passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida.

A partir do artigo de Bourdieu *A precariedade está hoje por toda a parte*⁷, Bauman assevera que precariedade, instabilidade e vulnerabilidade são as características mais difundidas das modernas condições de vida (BAUMAN, 2001, p. 184). O autor ainda agrega à acepção francesa de *precarité* o que Ulrich Beck chama de *sociedade do risco*, o que os ingleses classificam como *insecurity* e os italianos chamam de *incertezza*.

Nesse contexto, é útil para a reflexão sociológica resgatar as metáforas de Bauman do emprego como *casa compartilhada* e como *acampamento* para entender a dinâmica dos locais de trabalho na modernidade líquida.

O emprego parece um *acampamento* que se visita por alguns dias e que se pode abandonar a qualquer momento se as vantagens oferecidas não se verificarem ou se forem consideradas insatisfatórias – e não como um *domicílio compartilhado* onde nos inclinamos a ter trabalho e construir pacientemente regras aceitáveis de convivência. Mark Granover sugeriu que o nosso é um tempo de “laços fracos”, enquanto Sennett propõe que “formas fugazes de associação são mais úteis para as pessoas que conexões de longo prazo” (BAUMAN, 2001, p. 171 [Destaques meus]).

A tessitura do capitalismo pesado que atava objetivamente capital e trabalho numa firma associação, possibilitava no plano molecular da experiência individual a construção de uma narrativa linear de inserção no mundo do trabalho. Esses elementos projetavam uma racionalidade de longo prazo no plano simbólico da vida dos sujeitos. Assegurando ao trabalho o estatuto de referência sólida, *locus* de experiências de convivência, conflito e solidariedade *no e pelo* trabalho. Esse foi o período do emprego como casa compartilhada, a época do capitalismo pesado existente na modernidade sólida.

⁷ BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

A “*dependência mútua de longo prazo*” (BAUMAN, 2001, p. 171) entre capital e trabalho que foi possível no contexto do capitalismo pesado tem na atualidade dificuldades de se sustentar. A racionalidade de longo prazo derivava do enraizamento do sujeito em seu local de trabalho. E foi abalada pela dinâmica nômade do capital, proporcionadas por mudanças tecnológicas. Mas se o capital é nômade por opção, o trabalho é nômade por necessidade. Os contatos temporários e a alta rotatividade nos postos de trabalho condicionam no plano simbólico a projeção de uma racionalidade de curto prazo. Governada pela insegurança, essa racionalidade encontra barreiras congênitas que dificultam a produção de compromissos sólidos. Os locais de trabalho perdem o sentido de “porto seguro” ou “casa compartilhada” e tornam-se “acampamentos”, territórios de transição. O que não favorece a produção de acordos firmes nem entre capital e trabalho nem entre aqueles que vivem do trabalho.

Quando a utilização do trabalho se torna de curto prazo e precária, tendo sido ele despido de perspectivas firmes (e muito menos garantidas) e portanto episódico, quando virtualmente todas as regras relativas ao jogo das promoções e demissões foram esgotados ou tendem a ser alteradas antes que o jogo termine, há pouca chance de que a lealdade e o compromisso mútuos brotem e se enraízem. Ao contrário dos tempos de dependência mútua de longo prazo, não há quase estímulo para um interesse agudo, sério e crítico por conhecer os empreendimentos comuns e os arranjos a eles relacionados, que de qualquer forma seriam transitórios (Bauman, 2001, p. 171).

Espécie de “desterritorialização” das experiências de trabalho e de uma sociabilidade precária através do emprego, a atual dinâmica do trabalho representada pela metáfora do *acampamento* auxilia a identificar que o emprego no capitalismo leve ganha uma dimensão cada vez mais *líquida*, flexível e nômade. A fragilidade dos vínculos empregatícios gesta narrativas não lineares de inserção no mundo do trabalho e uma racionalidade impregnada pelo curto prazo. Esses fatores dizem respeito às consequências pessoais a modernidade líquida.

Como Pierre Bourdieu não se cansou de observar, o estado permanente de *precarité* — insegurança quanto à posição social, incerteza sobre o futuro da sobrevivência e a opressiva sensação de “não segurar o presente” — gera uma incapacidade de fazer planos e segui-los (Bauman, 2003, p. 42).

A noção de projeto é abalada, pois se vive num “estado permanente de *precarité*”. O trabalho tem dissolvida sua função de elemento planejador na vida dos sujeitos. Por ele portar

os signos da instabilidade e insegurança, passa a ocupar um lugar qualitativamente distinto na visão de mundo dos indivíduos.

(...) Para evitar frustração iminente, [os sujeitos] tendem a desconfiar de qualquer lealdade em relação ao local de trabalho e relutam em inscrever seus próprios planos de vida em um futuro projetado para a empresa. É uma reação natural a “flexibilidade” do mercado de trabalho, que, quando traduzida na experiência individual de vida, significa que a segurança de longo prazo é a última coisa que se aprende a associar ao trabalho que se realiza (BAUMAN, 2001, p. 175).

Percebe-se que através de *antíteses* como modernidade sólida e modernidade líquida, capitalismo leve e capitalismo pesado, longo prazo e curto prazo, trabalho como casa compartilhada e trabalho como acampamento o autor constrói metodologicamente sua narrativa sobre as mudanças nos sentidos do trabalho na modernidade. Assim, temos a narrativa baumaniana sobre os sentidos do trabalho na modernidade líquida marcada pela perspectiva *temporal* do desenvolvimento de uma racionalidade de curto prazo e uma dimensão *espacial* de desterritorialização das experiências de trabalho, condensadas em sua metáfora do trabalho como acampamento.

Os movimentos teóricos de Bauman articulam transformações estruturais com mudanças culturais no território simbólico dos sujeitos que gestam novas relações sociais. Mantendo sua busca na compreensão das consequências humanas da modernidade. Registro aqui uma hipótese para futuras reflexões. Se incerteza, insegurança e instabilidade são os signos que traduzem a sensação de um “permanente estado de *precarité*”, isso estaria criando condições sociais de conceder a *precariedade* (que como disse Bourdieu “está hoje em toda parte”) o estatuto sociológico de “fato social total”?

Bauman e o mundo do trabalho: ensaiando diálogos possíveis

Observando o panorama das pesquisas na área de sociologia do trabalho, especialmente no que concerne ao tópico dos estudos sobre precarização, Alves (2012, p. 29) afirma que a maioria das análises sobre o tema tende a salientar tão somente a precarização social do trabalho como degradação da *condição salarial* da força de trabalho como mercadoria e como sujeito de direitos, aspectos estes que são recorrentes nas abordagens macroeconômicas e mor-

fológicas do trabalho. O que nos remete ao estudo clássico de Robert Castel (2005) e o que ele denominou de *corrosão da condição salarial*⁸. Desde modo,

(...) ocultam-se dimensões da desefetivação do homem-que-trabalha como ser humano-genérico em virtude da reorganização do modo estranhado de controle do sociometabolismo do capital instaurado pelas novas condições de exploração/espoliação da força de trabalho sob o modo de acumulação flexível. Por isso, o enfoque crítico do *metabolismo social do trabalho* implica tratar das dimensões da precarização do trabalho desprezadas pelas investigações sociológicas propriamente ditas, resgatando, deste modo, o conceito de “precarização do homem-que-trabalha” (ALVES, 2012, p. 30) [Destques meus].

Por sua vez, a perspectiva do *metabolismo social do trabalho*, como proposta por Alves (2012), significa expor os impactos das mutações laborais na vida cotidiana dos sujeitos e nas relações sociais, tratando, desse modo, para lembrar Richard Sennett (2012) e o que ele chamou de a *corrosão do caráter*, isso quer dizer, as consequências *personais* do trabalho no novo capitalismo⁹. Isso converge para um direcionamento metodológico que

(...) nos permita apreender novas dimensões da precarização do trabalho *ocultas* nas abordagens da macroeconomia do trabalho e da morfologia social do trabalho (...), apreender os rastros *ocultos* do trabalhador assalariado como trabalho vivo ou homem-que-trabalha inserido na vida cotidiana, com a organização do binômio *tempo de vida-tempo de trabalho* e as múltiplas dimensões da vida social e relações de sociabilidade (ALVES, 2012, p. 29 [grifos nossos]).

Entre as análises que tendem para um viés mais “casteliano” de estudar a corrosão da condição salarial e um viés mais “sennettiano” de investigar a corrosão do caráter, acreditamos que Bauman pode enriquecer esse segundo viés, prolongando o que já foi iniciado pelas reflexões de Sennett nos anos 1990 e o que atualmente se propõe a fazer Alves (2013) na busca de apreender as *novas* e *ocultas* dimensões da *precarité* através do binômio tempo de trabalho/tempo de vida.

8 CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

9 SENNETT, Richar. A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. 17ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

A abordagem cultural das transformações da modernidade presentes em Bauman e seus desdobramentos sobre o mundo do trabalho podem ter um diálogo rico e criativo com a perspectiva de investigar as mutações laborais na vida cotidiana dos sujeitos. Como o autor está preocupado com as consequências humanas das mudanças da modernidade e como elas são traduzidas no plano simbólico, acredito que suas reflexões sobre o trabalho no contexto da modernidade líquida são passíveis de diálogo com a proposta de Alves (2012) de uma sociologia do trabalho com caráter mais *etnográfico* do que *estatístico*, com uma face mais *fenomenológica* do que *morfológica*, que se detenha mais no âmbito *molecular* das experiências cotidianas do que no plano *molar* da macroeconomia. Essa abordagem tenciona as traduções meramente matemáticas do mundo do trabalho. E favorece o *retorno do trabalhador* para a sociologia do trabalho enquanto agente e não mero reflexo da estrutura. Recuperando suas narrativas, experiências e imaginário desperdiçados por aferições positivistas de dados em pesquisas largamente sociométricas.

Podemos ver presente no mundo do trabalho aspectos da liquidez moderna (curto prazo, flexibilidade, incerteza) pontuados por Bauman. Nesse sentido, o arsenal baumaniano contribuiria com uma noção de *trabalho líquido* que incluiria as formas atuais de precarização do trabalho marcados pela alta rotatividade nos postos de trabalho, emprego temporário, sem contrato, terceirizado. *O trabalho líquido* diria respeito a todas essas formas de trabalho marcadas pela curta duração da relação empregatícia que dificulta a criação de uma identidade a partir do trabalho, que obstaculiza a formação de uma comunidade de interesses seja entre capital e trabalho, seja entre os próprios trabalhadores, não propiciando a articulação de coletivos de trabalho e solidariedade entre os sujeitos.

A metáfora da liquidez proposta por Bauman como chave de leitura da atual etapa da modernidade é rica em possibilidades de análise sociológica das relações laborais. Ela pode se somar a gramática dos estudos críticos sobre o trabalho ao servir de instrumento para entender o atual espírito do capitalismo e seus desdobramentos sobre a vida cotidiana.

Referências

- ALVES, Giovanni. *Dimensões da precarização do trabalho: ensaios de sociologia do trabalho*. Bauru: Canal 6, 2013.
- _____. *Trabalho e nova precariedade salarial no Brasil*. A morfologia social do trabalho na década de 2000. Oficina do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Março de 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt; TESTER, Keith. *Conversations with Zygmunt Bauman*. Cambridge: Polity Press, 2001.
- BIHR, Alain. *Da grande noite à alternativa: O movimento operário europeu em crise*. São Paulo: Boitempo, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.
- DELANTY, Gerard. *Social theory in a change world: conceptions of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1999.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1989.
- JACOBSEN, Michael Hiviid; PODER, Paul. *The sociology of Zygmunt Bauman: challenges and critique*. Hampshire: Ashgate Publishing, 2008.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Entrevista com Zigmunt Bauman*. Tempo social, vol.16, n.1, p. 301-325, 2004.
- SENNETT, Richar. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 17º ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
- SMITH, Dennis. *Zygmunt Bauman: prophet of post modernity*. Cambridge: Polity Press, 1999.